



UMA LINDA JOVEM DO BRASIL

Dei entrada no Hotel Semiskaya, na Criméia, durante o verão ucraniano, curto, mas que atrai milhares de pessoas de todos os cantos do mundo. Minha intenção e como foi de fato, era passar apenas três dias naquele maravilhoso hotel, luxuoso como se diz nos folhetos de turismo. Svetlana não pôde me acompanhar, pois havia partido há alguns dias para Tartu, na Letônia. Nossos filhos, Igor e Raissa, ficaram com seus avôs. Tirei algumas horas, logo após minha chegada, para conhecer melhor aquele hotel, seus corredores, piscinas, refeitórios, salões, academia, bosque e tudo o que podia, antes mesmo de pisar às margens do Mar Negro. Claro, quem for à Criméia e não conhecer o Mar Negro não pode dizer que esteve na região.

Na primeira noite aproveitei para andar pela costa da cidade e conhecer melhor este paraíso, o qual se fala por toda Moscou. Comecei a perceber que havia perdido muito tempo, deveria ter ido alguns anos antes, mas tudo bem. Várias outras pessoas também caminhavam por ali, parece que todos queriam sentir as estrelas às margens do Mar Negro. Encontrei pelo caminho, vários italianos, franceses, alemães, árabes, indianos, alguns japoneses, além de vários russos, muitos ucranianos, poucos norte-americanos, vários colombianos, argentinos e um ou outro brasileiro. A noite estava realmente muito boa para caminhada. Um pouco afastado um bando de ingleses e vários outros jovens de diversas etnias estavam sentados ao redor de uma fogueira cantando canções diversas e bebendo todo tipo de bebida. Moças corriam ao Mar e voltavam após um breve mergulho, o frenesi não parava e lembrei-me de quando era mais jovem, a vitalidade que possuímos vai ficando cada vez mais para trás.

Retornei ao hotel tarde da noite e tomei um banho e fiz uma breve ligação para Svetlana, para contar sobre minha primeira impressão da Criméia e também do maravilhoso Hotel Semiskaya. A ligação estava muito ruim, mas conseguimos nos falar razoavelmente e ficamos felizes em saber que cada um estava se divertindo à sua maneira. Svetlana já estava há cerca de cinco dias em Tartu, na Estônia, provavelmente mais dois ou três dias conseguiria terminar tudo e retornar para Moscou.

Deitei-me ao som de Дыши Земфира Вендетта de nossa cantora pop Zemfira e acredito que – com a janela do quarto aberta - “apaguei” rapidamente, pois não me lembro de nenhuma música que tenha ouvido naquela noite.

Espera aí, vou esclarecer um pouco sobre a Criméia, antes de continuar nossa história, afinal como posso falar de um lugar tão paradisíaco se nem ao menos digo onde se localiza.

A Criméia é uma península e uma república autônoma da Ucrânia situada na costa setentrional do Mar Negro. Possui uma área de 26.000 km², com população de 1,9 milhões de habitantes (2005), tendo como capital a cidade de Simferopol. A costa da Criméia é repleta de baías e portos. Os antigos poderosos do regime soviético possuíam dachas na costa da Criméia, onde se encontram vários vinhedos e pomares, também a pesca, produção de diversos óleos e a pesca são fontes de renda importantes. São notáveis nesta região vários edifícios da família imperial russa. Após ser governada como parte



integrante da República Soviética da Rússia, em 1954, Krushev transferiu a posse da Criméia para a Ucrânia como presente pela comemoração do 300º aniversário da unificação da Rússia e da Ucrânia, então com a queda do regime soviético em 1991 a Criméia passou a ser parte integrante da Ucrânia. Em 1992 esta república proclamou sua independência mas continuou como parte integrante da Ucrânia. Fala-se o ucraniano, o russo, o tártaro da Criméia, além de armênio, polonês e romeno, mas nas ruas de suas cidades litorâneas encontram-se todo tipo de idioma e dialetos.

No segundo dia, logo de manhãzinha tomei o café na sacada do hotel, que possuía uma bela vista para o Mar Negro. Vou dizer uma coisinha que talvez não lhes agrade, apesar de ter ido à Criméia e poder tocar o Mar Negro, não sou apaixonado por estes locais, prefiro a natureza das selvas, florestas ou coisa parecida, locais que possuam um pouco mais de sombra e ventos mais camaradas. A água, o sol e o vento que as praias possuem não me atraem. Bem, mas a visão que eu tinha a partir do hotel fazia qualquer cético parar e refletir sobre a grandiosidade da mãe natureza. A cada dia ela nos brinda com suas maravilhas.

Cerca de uma hora depois decidi visitar a cidade de Partenit cerca de dois quilômetros do Hotel Semiskaya, preferi ir andando para contemplar as maravilhas pelo caminho e claro não foram poucas. Partenit é uma cidade antiga que atrai muitos turistas e que possui inúmeras lojinhas onde se pode comprar de tudo para levar para casa, desde pequenas lembranças, passando por caros tapetes persas, samovares espetaculares, e grandes coleções do que se pensar desde a época dos czares russos, passando pelo regime soviético até os dias atuais. Partenit é um lugar ímpar, convivendo com russos e ucranianos para o crescimento do turismo na região e bem-estar de seus habitantes. Passei por algumas lojinhas, comprando alguma coisa aqui outra ali e curiosando bastante várias delas que nem percebi as horas passarem e já iam por volta do meio-dia quando resolvi parar num café e comer alguma coisa. Bem! Tudo estava feito, as encomendas da universidade, bem como de minha família já estavam a salvo na mochila e poderia agora curtir um pouco de descanso ao qual vim decidido para a Criméia.

Cidade que não parei no dia anterior quando cheguei de Simferopol a capital da Criméia. Partindo de Simferopol são 63 (sessenta e três) quilômetros rodovia afora, passando por Alushta, Malyi Malak, Pereval'ne, Dobre... e outras poucas cidades ao redor da rodovia, percurso de aproximadamente – com sorte – quarenta a cinquenta minutos.

Retornei novamente à pé ao hotel e o trecho agora parecia de uma beleza que não havia visto em minha caminhada anterior. Realmente a natureza nos surpreende a cada instante, sempre podemos tirar algo de novo dela. Então minha máquina digital registrava muitas paisagens para depois ser mostradas tanto para Svetlana, quanto para Igor e Raissa, além dos colegas da universidade, estes os que mais ficam querendo saber o que se passou, como foi e tudo mais.

Decidi naquela tarde ensolarada ficar na piscina do hotel e me refrescar por ali mesmo, ao invés de caminhar até a praia e tomar aquele sol abrasador. Rapidamente me



encontrava debaixo de um guarda sol á beira da piscina, tomando uma dose de vodca. Do outro lado notei que se encontrava uma linda morena de longos cabelos negros que aparentemente não tirava os olhos de mim. Tenho que admitir ela realmente era muito bonita e sedutora. Mas ela no mundo dela e eu no meu.

Meia-hora depois o garçom trouxe-me outra dose de vodca e alguns aperitivos e aproveitei a oportunidade para perguntar-lhe quem era a moça atraente. Disse-me ele que ela estava já há alguns dias no hotel e provavelmente partiria em breve e que era do Brasil e aparentemente era de uma família da mineração. Era só o que sabia.

Em breve eu comprovaria que ela realmente era do Brasil. Como? Ela levantou-se, deixou seu vestido de praia apoiado na cadeira de sua mesa e circulou a borda da piscina em direção onde eu estava. Comecei a pensar em outras coisas e a desviar o olhar, mas ela continuava vindo... vindo em minha direção. Afinal naquele horário estávamos a sós na piscina. Aparentemente, todos os demais hospedes, ou se encontravam em passeios turísticos, ou estavam ali na praia ou haviam ido até a cidade como eu havia feito na manhã anterior, também poderiam estar no aconchego de seus apartamentos.

Ela caminhava com delicadeza e tinha todas as curvas femininas que somente as brasileiras apresentam. Fartos seios. Belas curvas. Trajava um biquíni preto que lhe caia muito bem.

Quando chegou no rumo de minha mesa mergulhou na piscina. Foi de um lado ao outro nadando. Quando na outra borda tomou alguma coisa que não consegui definir o que era, mas suponho que também era vodca continuou a nadar... a nadar e a nadar. Não saía da água. Minutos depois mergulhou novamente e....

Comecei a ficar preocupado com a bela jovem. Não voltava à superfície. Já fazia um bom tempo e nada. Já estava pensando em entrar na água quando de súbito ela voltou.

Fico refletindo o que leva uma moça tão bonita como aquela a fazer estas loucuras e porque estava sozinha naquele lugar? Mas cada qual tem suas preocupações e cada um sabe o que é melhor para sua vida.

Ela voltou, mas algo estava errado, percebi que não estava respirando, havia perdido a consciência. Então, sem perca de tempo, pulei na piscina e a trouxe para fora daquela água que – para mim – estava muito fria. Inclusive podia se ver em sua pele, toda arrepiada. Rapidamente fiz os procedimentos de primeiros socorros e percebi que estava reagindo. Com a ajuda do “meu amigo” Partov, o garçom, levamos a jovem princesa ao seu quarto. Deitei-a em sua cama e esperei alguns minutos até perceber melhoras na linda jovem. Quando percebi que tudo estaria bem a deixei sozinha e fechei a porta com cuidado para não incomodar e voltei para a piscina continuar com meu repouso.

Partov chegou até minha mesa e sentou-se e por conta de uns rublos me deu novas informações sobre a jovem salva. Quem diria hein! Antes ele não sabia nada agora me revelava até mesmo a idade da moça.



Por volta das seis horas da tarde resolvi então visitar as ondas calmas do Mar Negro, pisar um pouco nas pedras de suas margens e caminhar sem rumo sentindo a brisa do mar de encontro à costa. Novamente encontrei o mesmo grupo de jovens e amigos cantando e dançando, bebendo e correndo, como na noite anterior. Pra mim, loucos. Retornei ao hotel por volta das nove horas, peguei minhas chaves e subi ao apartamento 909.

Quando estava me preparando para tomar um banho, a campainha tocou. Era novamente o velho e bom amigo Partov. Trazia-me um pequeno bilhete. Agradei e ele retornou à recepção.

As onze horas conforme dizia o bilhete eu estava em frente à porta do apartamento 1129, sem maiores pretensões. Apenas para descobrir qual o interesse da dona do bilhete em querer falar comigo naquelas horas em seu apartamento. Quando ia tocar a campainha percebi que a porta estava apenas entreaberta. Entrei e fechei a porta logo atrás de mim. Feito isto a jovem brasileira veio ao meu encontro caminhando como uma ninfa num vestido totalmente transparente onde – sem maiores esforços – conseguia notar suas marcas bronzeadas. Ela apenas me abraçou contra a parede e beijou meu pescoço. Uma mistura de preocupação e prazer ardeu em meu corpo. Ao fazer isto deixou cair lentamente seu inusitado vestido ao chão, escorregando calmamente e soltou minha cinta, apertando minhas partes íntimas inesperadamente e de um jeito único. Pude perceber num espelho logo na parede uma linda tatuagem em seu cóccix, que parecia uma adaga com duas asas. Êxtase! Em seguida desabotoou minha camisa e a retirou cuidadosamente como que observando cada músculo do meu corpo. Ao terminar esta maravilhosa manobra reiniciou a sessão de beijos do pescoço para baixo. Cuidadosamente foi descendo... descendo... Pare! Foi o que disse – meio a contragosto – Moça você não deve fazer isto. Mas ela me disse que se sentia muito grata pelo salvamento durante a última tarde e precisava agradecer-me. Como poderia isto estar acontecendo. Pra mim ela não pensava nas conseqüências daquela atitude, mas eu devia manter minha consciência. “Sei que precisa me agradecer, mas acredito que isto não seja a melhor maneira. Não estamos sendo corretos”, insisti, mas ela me disse que havia tomado muita vodca naquela tarde e que pensava em desistir de tudo e então quando eu lhe salvei ela percebeu que estava cometendo um erro enorme e que ainda tinha muitas coisas para realizar neste mundo. “Sim, mas não há nenhuma necessidade em me agradecer. O que fiz foi simplesmente o que precisava ser feito naquele momento. Já estou satisfeito. E eu não posso fazer amor contigo. Não é correto”. “Mas eu preciso agradecer. Preciso”, insistiu novamente. Sem mais palavras me rendi a seus encantos e ali mesmo em pé ela continuou a maravilhosa sessão de beijos que desciam a partir do pescoço, passando por todo meu tórax e descendo... descendo... descendo cada vez mais... descend... descen... até.

Retornei para Simferopol logo após o almoço do dia seguinte, onde pegaria o voo de retorno à Moscou ao final da tarde, aliviado e com minha consciência tranqüila, sabendo que apesar das loucuras daquela jovem brasileira, nada passara de apenas um fútil ato inconseqüente. Sabedor também de que não havia dormido com ela e tranqüilo quando voltasse para Svetlana.

Iuri Kosvalinsky
25.11.2009